

Resultados de uma nova expedição zoológica a Fernando de Noronha

David C. Oren

Museu Paraense Emilio Goeldi

Resumo: Resultados de uma expedição zoológica ao arquipélago de Fernando de Noronha, de 1 a 13 de dezembro de 1982. As espécies de aves *Egretta thula*, *Hydronassa tricolor*, *Pluvialis squatarola*, *Charadrius semipalmatus*, *Catoptrophorus semipalmatus*, *Calidris minutilla*, *Limnodromus griseus*, *Hirundo rustica*, *Sporophila leucoptera* e *Sicalis flapeola* são registradas para o arquipélago pela primeira vez. Tentativas de introdução de *Coragyps atratus* e *Amazona farinosa* fracassaram nos últimos anos, enquanto ainda permanece indeterminada a situação de *Aratinga solitarius* e *Melospittacus undulatus*, que poderão estabelecer-se em estado selvagem no futuro próximo. A situação dos demais vertebrados do arquipélago é também discutida.

INTRODUÇÃO

O arquipélago de Fernando de Noronha, território federal brasileiro localizado a 356 km da costa nordestina, é pouco conhecido em termos de sua história natural. Recentemente, Olson (1981) fez um relatório sobre os vertebrados, vivos e extintos, que encontrou durante uma visita de 6 de julho a 18 de agosto de 1973, e Oren (1982) revisou os dados ornitológicos disponíveis, acrescentando outros obtidos durante uma visita de algumas horas em 1980. Em 1 de dezembro de 1982, iniciamos uma pesquisa de 13 dias sobre a avifauna noronhense, coletando também dados sobre os outros vertebrados encontrados.

Dezembro marca o quinto mês da época seca em Fernando de Noronha (Fig. 1), mas chuvas esparsas caíram durante três dias de nossa estadia. A vegetação mostrava um aspecto bastante seco, com exceção das árvores do gênero *Tabebuia* (Bignoniaceae) que começavam a florescer abundantemente. Os arredores da vila dos Remédios, que são bem arborizados, também apresentavam condições mais amenas do que a maioria das ilhas. Em nenhum riacho das ilhas corria água, mas dois açudes represavam pequena quantidade de água doce. Rebanhos de cabras e carneiros andavam soltos, principalmente na parte central e oriental da ilha Grande (ilha principal), desnudando a vegetação das poucas folhas verdes que portava.

Concentramos a pesquisa na ilha Grande e na pequena ilha do Meio, importante lugar de nidificação das espécies de *Sula* (Fig. 2). A ilha Grande foi explorada pormenorizadamente, desde a ponta da Sapáta até a baía de Santo An-

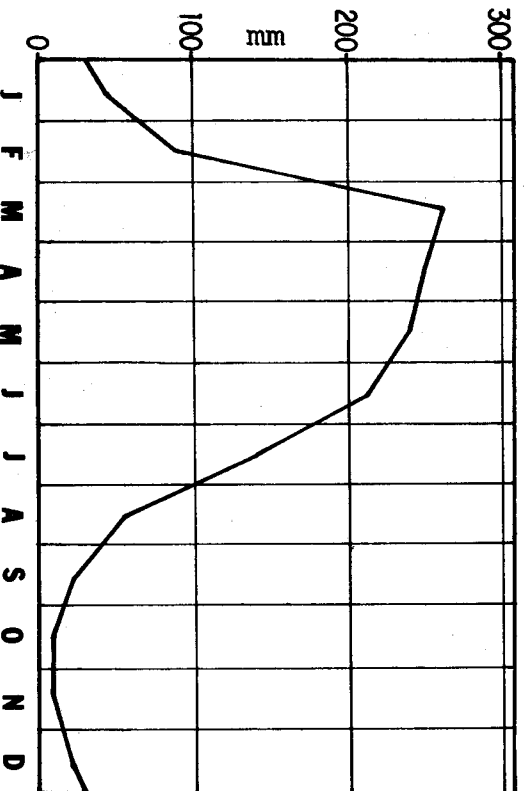


Fig. 1 — Precipitação mensal no arquipélago de Fernando de Noronha. (Fonte: Governo do Território de Fernando de Noronha e Governo do Estado de São Paulo, 1981: 16).

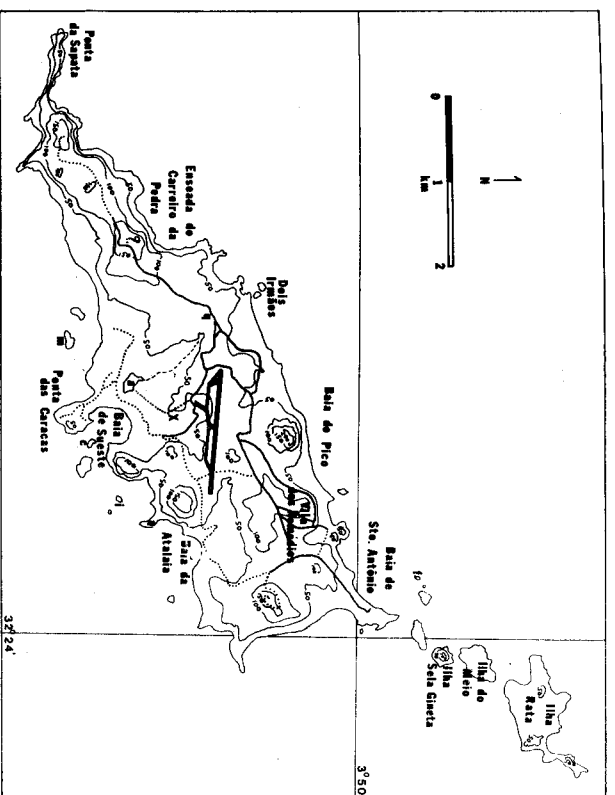


Fig. 2 — Mapa do arquipélago de Fernando de Noronha. a = Aguade de Xaréu; c = ilha do Chapéu do Sueste; f = ilha de Fora; i = ilha Ovos; m = ilha do Morro do Leão; q = Quixaba; x = vila militar do aeroporto.

tônio. Fizemos recenseamento de aves marinhas com um barco da Força Aérea Brasileira ao longo de toda a costa norte do arquipélago, desde a ilha Rata até a ponta da Sapáta. As condições do mar impossibilitaram exploração similar na costa sul. Todavia, confirmamos por terra que a costa sul era de pouca importância para aves marinhas por ser a parte barlaventa do arquipélago, recebendo o vento e as ondas com toda sua força. Observações foram feitas com binóculo. A coleta de espécimes foi efetuada com redes de captura ("mist nets") e espingarda. A coleção de 42 espécimes de aves do arquipélago, agora depositada no Museu Paraense Emílio Goeldi, representa o único acervo brasileiro de material ornitológico proveniente de Fernando de Noronha, com exceção da pequena coleção de cinco exemplares

doada ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, fruto da pesquisa de Olson (1981). Os espécimes anatómicos de duas das espécies de aves endêmicas nessa nova coleção são os únicos existentes nos acervos do mundo.

Uma descrição da geologia e história do arquipélago encontra-se no trabalho de Oren (1982). Antes de passar para a administração da FAB, o arquipélago estava sob jurisdição do Exército Brasileiro, não da Marinha, como constatado naquela referência. A FAB e a Marinha Brasileira ainda colaboram com o abastecimento de Fernando de Noronha, cabendo à Marinha a entrega do combustível, e à FAB, das demais necessidades.

Este relatório inclui 10 espécies de aves anotadas pela primeira vez no arquipélago, informações sobre tentativas de introdução de mais duas, e dados sobre a situação atual dos demais vertebrados.

Família PHAETHONTIDAE

Phaethon aethereus aethereus Linnaeus

Das duas espécies de *Phaethon* encontradas no arquipélago, *P. aethereus* é a mais rara. Durante os 13 dias que passamos nas ilhas, observamos somente sete indivíduos, quatro dos quais nas vizinhanças do morro do Pico, e outros três sobrevoando a ilha Sela Gineta.

Phaethon lepturus ascensionis (Mathews)

Esta espécie, conhecida pelos ilhéus como "rabo de junco", era bastante comum nos escarpados da ilha Grande e ilhotas com pelo menos 50 m de altura. Os nichos usados para nidificação eram buracos naturais na face das encostas dos morros e escarpas das ilhas. A população total desta espécie compreendia aproximadamente 200 indivíduos.

Família FREGATIDAE

Fregata magnificens Mathews

Esta espécie, conhecida como "alcataz" ou "grapira" no Brasil continental, leva o nome "catraia" no arquipélago. Escolhia arbustos grandes ou árvores pequenas nas encostas mais altas das ilhas para a construção de seus frágeis ninhos de gravetos. Quatro a trinta ninhos foram agrupados um perto do outro. Foram machos os mais freqüentemente encontrados sentados nos ninhos. Não vimos nenhum macho com o "papo" vermelho inflado, uma indicação de que os ninhos já abrigavam a prole em desenvolvimento (Murphy, 1936). As catraias se concentravam em redor do frigorífico da baía de Santo Antônio, aguardando os pescadores que chegavam no barco de pesca da FAB, em grupos de até 50 indivíduos. Formavam uma revoadada agitada, à espera das vísceras ex-traídas do pescado. Em áreas onde existe o urubu, *Fregata magnificens* só come restos animais que flutuam na água, deixando o que cai nas praias para os urubus (Murphy, 1936). Todavia, em Fernando de Noronha, onde não há urubu, a catraia comia vísceras tanto as em terra como na água, apanhando-as em voo.

Freqüentemente observamos *F. magnificens* molestando as várias espécies de *Sula*, a fim de forçar a regurgitação do alimento ingerido por estas. Normalmente isto era feito quando os dois voavam, mas, também, com a *Sula* pousada, na água ou na terra. As agressões da catraia, às vezes, chegavam a ser violentas, pegando a *Sula* no bico, na asa, nas costas ou na cauda. Quando a *Sula* finalmente regurgitava, a catraia apanhava comida no ar com muita habilidade.

Durante as visitas ao açude de Xaréu, freqüentemente observamos indivíduos de *F. magnificens* descer e deslizar na superfície da água com o bico aberto, a fim de beber a água doce do reservatório. Raramente, alguns indivíduos tocavam a superfície com o peito repetidas vezes, afrouxan-

do as penas ao tomar banho. Nunca observamos machos neste contexto, sendo este comportamento limitado às fêmeas e indivíduos com plumagem juvenil.

A população de *F. magnificens* no arquipélago é estimada em, aproximadamente, 300 indivíduos.

Família SULIDAE

Sula dactylatra dactylatra Lesson

1 pele MPEG 34643 (jov.) e 2 adultos ● 1 jovem em álcool

Sula dactylatra é a espécie do gênero mais rara no arquipélago. Prefere as planícies rochosas de superfície lisa em áreas sem ratos e gatos para sua nidificação, uma condição rara no arquipélago. Estas aves se concentram somente na ilha do Meio, ilha do Morro do Leão e na ilha Ovos (Fig. 2), com uma população de 300 indivíduos aproximadamente. A época de reprodução já havia terminado algum tempo antes da nossa chegada, e 20% da população era representada por indivíduos de plumagem juvenil, embora já de tamanho adulto. Em redor do "ninho", um mero ran-gido nas rochas, não se apresentavam evidências do anel de fezes característico, o que implica na nidificação em tempo suficientemente distante, permitindo que as chuvas tenham lavado as rochas (Murphy, 1936: 852). Quando pousada, *S. dactylatra* se associava em grupos de quatro a vinte indivíduos. Esta usava a elevação dos escarpados das ilhotas ao voar, correndo uma curta distância antes de se lançar ao ar.

Sula leucogaster leucogaster (Boddaert)

2 peles MPEG 34633/45 (♂, jov.) e 1 adulto em álcool

A população de *Sula leucogaster* no arquipélago inteiro totalizou aproximadamente 2000 indivíduos em dezembro de 1982. Oren (1982: 7) estimou 2000 indivíduos para a popula-

ção da limitada porção da costa que visitou em novembro de 1980. A espécie estava em fase de nidificação em 1980, enquanto que em dezembro de 1982 já tinha encerrado a produção. A diferença nas estimativas da população pode ser explicada pelo afastamento de parte da população no término do ciclo reprodutivo (Murphy, 1936). É provável que a porção da costa visitada em 1980 seja o local principal de nidificação desta espécie no arquipélago.

Um terço da população desta ave encontrada em 1982 portava plumagem juvenil. Embora chamado de "atobá" no Brasil continental, *Sula leucogaster* leva o nome de "mombobo" em Fernando de Noronha. A espécie é exímia mergulhadora e pescava na arrebatada das ondas da costa barlaventa, a qual era evitada pelas outras duas espécies de *Sula*. Quando pousava em terra, sempre ficava perto da água nas rochas recortadas e escuritadas pelo mar, voando mais prontamente que as outras espécies do gênero. *Sula leucogaster* é a menor espécie de "mombobo" em Fernando de Noronha, o que facilita a pirataria de *Fregata magnificens*, a qual mostrava preferência em perseguir esta espécie. Um indivíduo de *Sula leucogaster* foi atacado, às vezes, por duas ou mais "catraias" no mesmo tempo.

Sula sula sula (Linnaeus)

2 peles MPEG 34641/42 (♀, ♂) e 1 adulto em álcool

Sula sula, o "mombobo branco" dos populares, é a única espécie do gênero em Fernando de Noronha que nidifica em árvores e arbustos. A ave se encontrava em plena fase reprodutiva em dezembro de 1982. Sempre escolhia as encostas sotaventadas para a colocação dos ninhos, construídos de gravetos para formar uma plataforma para o ovo único; raramente, a fêmea põe dois ovos, mas somente um filhote sobrevive (Murphy, 1936: 866). Provavelmente é a única espécie de *Sula* que ainda se reproduz em grandes números

na ilha principal do arquipélago, onde seus ninhos estavam concentrados na costa norte (Fig. 2). Também nidificava nas ilhas menores, mas em menor escala. Na ilha principal, a grande maioria dos ninhos desta espécie já se encontrava com os ovos ou filhotes, e alguns dos filhotes já tinham atingidos a metade do tamanho dos adultos. Em contraste, poucos ninhos da ilha do Meio já continham ovos. Ao visitar esta ilha, notamos que os adultos sentados em ninhos vazios voavam quando nos aproximávamos a menos de dois metros, enquanto a maioria dos adultos que chocava ovos recusava absolutamente afastar-se do ninho, defendendo-se com violentas bicadas.

Sula sula apresenta duas fases de plumagem em Fernando de Noronha: branca e parda. A grande maioria das aves portava plumagem da fase branca e, aproximadamente, 4% era da fase parda. Notamos que a fase parda mostrava uma preferência pelas árvores próximas ao topo das escarpas.

Os filhotes mais desenvolvidos descanzavam durante o dia deitando-se no ninho com a cabeça e pescoço pendentes, o que dava o aspecto de estarem mortos. Mas com a chegada de um dos pais, estes filhotes "mortos" logo se animavam para receber alimentação.

No censo das aves marinhas, contamos aproximadamente 4000 indivíduos de *Sula sula* em todo o arquipélago, 80% dos quais na ilha Grande.

Família ARDEIDAE

***Egretta thula thula* (Molina)**

No dia 12 de dezembro de 1982 observamos uma "garça branca" pousada na beira do açude do Xaréu. Era muito tímida e levantou vôo ao perceber nossa presença. Vários ilhéus e militares nos informaram que um casal desta garça

costumava aparecer na pista de pouso do aeroporto e em um pequeno lago perto da pousada Esmeralda, desde o início de novembro. Na semana anterior de nossa chegada, alguém baleou e comeu uma das garças. Desde então o sobrevivente se afastava da presença humana, provavelmente se alimentando na costa do arquipélago. Este é o primeiro registro para *Egretta thula* em Fernando de Noronha.

***Hydranassa tricolor tricolor* (Müller)**

Um indivíduo jovem deste ardeídeo se encontrava diariamente entre 2 a 7 de dezembro na margem do açude do Xaréu. Voava 20 a 50 m ao perceber nossa presença, pousando em pequenas árvores uns 5 m da beira do reservatório. Depois levantava vôo de novo rumo à costa sul da ilha Grande. Este é o primeiro registro da espécie em Fernando de Noronha e a ocorrência mais ao sul já registrada para *H. tricolor*, que normalmente se distribui no Equador (país), Peru, leste da Venezuela, Guianas e na costa norte do Brasil, do Amapá ao Piauí (Mayr & Cottrell, 1979:208). A família Ardeidae é bem conhecida pela tendência dos jovens para vagarem e indivíduos, às vezes, aparecem a centenas ou milhares de quilômetros de sua distribuição normal (Hancock & Elliott, 1978). Assim, não é tão surpreendente descobrir este indivíduo errante.

Família CHARADRIIDAE

***Pluvialis squatarola* (Linnaeus)**

Este é o primeiro registro de *Pluvialis squatarola* em Fernando de Noronha. É comum ao longo de toda a costa brasileira durante o inverno setentrional (Pinto, 1978). Embora, não abundante, era comum ver quatro a dez indivíduos espalhados ao longo da costa pedregosa durante visitas ao

litoral. Nunca se aglomerou em grupos. Usualmente apareceu em associação com *Arenaria interpres* e era mais comum na costa barlaventa.

***Pluvialis dominica dominica* (Müller)**

Em 6 de dezembro de 1982, observamos, pela manhã, um único indivíduo desta espécie na pista de pouso do aeroporto. Pela tarde no mesmo lugar, vimos um bando de três indivíduos se associando com cinco *Numenius phaeopus*. Aparentemente a espécie passa pelo arquipélago no caminho para destinos mais ao sul e não permanece além de períodos breves. Não sabemos se *P. dominica* também passa por Fernando de Noronha nas migrações rumo ao norte.

***Charadrius semipalmatus* Bonaparte**

Vimos alguns indivíduos desta espécie de maçarico diariamente na costa e também no reservatório do Xaréu. Normalmente se encontrava sozinho, mas, uma vez, observamos dois indivíduos descansando juntos a um grupo de 19 *Arenaria interpres* e dois *Catoptrophorus semipalmatus* na costa da ponta das Caracas. *Charadrius semipalmatus* se reproduz no interior e na costa norte-americana, ocorrendo nas costas pacífica e atlântica da América do Sul durante o inverno setentrional. Este é o primeiro registro para a espécie em Fernando de Noronha.

***Arenaria interpres morinella* (Linnaeus)**

1 adulto em álcool

Bandos numerosos de *Arenaria interpres* eram comuns em Fernando de Noronha em dezembro de 1982, tanto na costa rochosa como na beira do reservatório do Xaréu. Ge-

ralmente andavam em grupos de quatro a vinte indivíduos, mas, às vezes, aparecia sozinho. Associava-se com outras espécies de aves costeiras e, nos campos salgados perto da praia do Atalaia, este maçarico forrageava em associação com *Zenaidá auriculata*. *Arenaria interpres*, bem como *Catoptrophorus semipalmatus* e *Numenius phaeopus*, eram ocasionalmente caçados pelos residentes de Fernando de Noronha que abatiam as aves a tiro de espingarda.

Família SCOROPACRIDAE

***Actitis macularia macularia* (Linnaeus)**

Observamos este "maçariquinho" em quatro ocasiões no açude do Xaréu, possivelmente o mesmo indivíduo, pois sempre aparecia sozinho na margem lamacenta. Este é o primeiro registro para a espécie em Fernando de Noronha.

***Catoptrophorus semipalmatus semipalmatus* (Gmelin)**

Observamos esta espécie de maçarico duas vezes em dezembro de 1982. No dia 3 dois indivíduos descansavam na costa rochosa da ponta das Caracas em companhia de *Arenaria interpres* e *Charadrius semipalmatus*. No dia 5 um indivíduo forrageava na beira do açude do Xaréu em associação com várias outras espécies de Limicolae. Este é o primeiro registro para a espécie em Fernando de Noronha, o que não surpreende, pois é bem conhecida na costa brasileira, desde o Amapá até o Rio Grande do Sul (Pinto, 1978:102).

***Calidris minutilla* (Vieillot)**

Observamos um indivíduo de *Calidris minutilla* na margem do reservatório do Xaréu em 5 de dezembro. Era me-

nos tímido do que as outras espécies de maçaricos, possibilitando uma aproximação muito grande. Este é o primeiro registro em Fernando de Noronha para a espécie, sendo esta amplamente distribuída na costa brasileira desde o Amapá até a baía de Todos os Santos durante o inverno setentrional (Pinto, 1978:103).

***Numenius phaeopus* (Linnaeus)**

O "maçarico de bico torto" era uma espécie notável na costa do arquipélago, no reservatório do Xaréu e na pista de pouso do aeroporto. Sempre andava em pares ou grupos maiores de até seis indivíduos. Era bastante tímido, pois os residentes da ilha Grande o caçavam com espingarda. *Numenius phaeopus* espantava as outras espécies de Limicolae ao afastar-se voando enquanto vocalizava. Olson (1981) coletou dois indivíduos de *N. phaeopus* durante sua visita em 1973, sendo um da subespécie *hudsonicus* que nidifica na América do Norte, enquanto o outro era da raça européia (*N. p. phaeopus*), que é o primeiro relato desta forma na América do Sul. Existe uma grande probabilidade de que os indivíduos vistos em dezembro de 1982 eram *N. p. hudsonicus*, mas, faltando espécimes, não podemos discernir a que forma pertenciam.

***Limnodromus griseus griseus* (Gmelin)**

Um par de *Limnodromus griseus* andava na água rasa do açude do Xaréu e aprofundava o bico até mergulhar a cabeça, em 3 de dezembro. Os dois estavam em companhia de outros maçaricos, mas não se associavam intimamente devido à maneira única de procurar comida. Este é o primeiro registro da espécie em Fernando de Noronha.

Família LARIDAE

***Sterna fuscata fuscata* Linnaeus**

Embora presente em pequenos números em Fernando de Noronha em dezembro de 1982, o arquipélago não apresenta condições propícias para a espécie, pois esta prefere áreas planas em ilhas sem predadores. Confirmamos a nidificação somente na pequena ilha de Fora onde a espécie usava o topo arredondado da ilhota. A população de *Sterna fuscata* em Fernando de Noronha não foi além de 50 indivíduos. É bem possível que indivíduos nidificando no atol da Rocas, distante a 134 km. a oeste, visitem Fernando de Noronha regularmente, pois ali a população atinge dezenas de milhares de indivíduos (Anon., 1979); a espécie se afasta do atol durante a época não reprodutiva.

***Anous stolidus stolidus* (Linnaeus)**

Esta espécie é abundante em Fernando de Noronha, onde os ilhéus a chamam de "viuvinha", sem distingui-la da outra espécie do gênero. *Anous stolidus* preferia os nichos pequenos dos escarpados quase verticais da costa sotaventada, mas também usava as plataformas mais largas na beira do mar para descansar. *A. stolidus* não estava se reproduzindo durante nossa visita em dezembro de 1982, quando a população era de aproximadamente 2000 indivíduos.

***Anous minutus atlanticus* (Mathews)**

2 peles, MPEEG 34466/67, ♀'s, e 1 adulto em álcool

Anous minutus era a espécie de ave marinha mais comum do arquipélago em dezembro de 1982, com uma população de pelo menos 5000 indivíduos. Muíto destes passavam o dia pousados em árvores perto da beiramar na costa

sotaventa. Eles acumulavam algas e outro material vegetal para a construção de ninhos nos galhos mais grossos das árvores. Também construíam os ninhos nos escarpados. Nenhum indivíduo ainda tinha posto ovos, mas a defesa dos pequenos territórios em redor dos ninhos era agressiva, o que implica crescente prontidão para a reprodução.

Gygis alba (Sparman)

Esta espécie de larídeo é chamada de "vivinha branca" pelos ilhéus. Quase sempre se achava em grupos de dois, três ou quatro indivíduos; observei um indivíduo solitário uma única vez. A espécie mostrava uma acentuada preferência para o distrito desabitado do leste da ilha Grande, onde era freqüentemente vista pousada em galhos de árvores ou voando. Até ao pescar andava em grupos pequenos. Tinha uma concentração dispersa de aproximadamente 60 indivíduos em árvores nas encostas entre a enseada do Carreiro da Pedra e a ponta da Sapata (Fig. 2). É provável que estes indivíduos estivessem em fase reprodutiva, mas a área era inacessível, impossibilitando a verificação. *Gygis alba* não constrói ninho nenhum, mas põe o único ovo diretamente num galho (Murphy, 1936:1167). As vezes, usa rochas para nidificar, mas somente em ilhas sem vegetação arborescente. A população desta ave em Fernando de Noronha em dezembro de 1982 era de, aproximadamente, 250 indivíduos. *G. alba* facilmente permitia a aproximação quando pousada, e olhava o observador com aparente curiosidade. Casais em vôo, também aproximavam-se dos seres humanos, especialmente os de traje branco, uma cor atraente para as aves. A vocalização mais comum da espécie era uma estranha combinação de um guincho com um rosnado, o que compara bem com a primeira nota do canto do tucano *Ramphastos tucanus*.

Família COLUMBIDAE

Zenaida auriculata noronha Chubb

1 peje MPEG 34468 (♂), e 1 adulto em álcool

A "arribaçã" era muito abundante em Fernando de Noronha em dezembro de 1982, encontrada em todos os habitats, desde a costa rochosa pouco distante da arrebentação das ondas até os topos dos morros mais altos. *Zenaida auriculata* é a única ave terrestre que se encontra no arquipélago inteiro, e se movimentava livremente entre as ilhas. É notável a observação de Oren (1982) que viu um casal voando para a costa nordestina, distante uns 50 km de Fernando de Noronha, pois, isto implica na possibilidade de movimentos regulares de *Z. auriculata* entre o arquipélago e o continente.

Em dezembro encontramos somente três ninhos da "arribaçã" colocados em árvores de 5 — 8 m de altura. Através dos habitantes do arquipélago, a informação é de que a grande maioria destas aves nidifica em maio a junho, às vezes, estendendo até agosto a época reprodutiva. Milhares de casais se concentram na pequena ilha do Chapéu do Sueste, localizada na entrada da baía do Sueste (Fig. 2). Antigamente, a espécie era perseguida predatoriamente na ilha do Chapéu do Sueste. Atualmente, a "arribaçã" goza de proteção quase que completa na ilha durante a época reprodutiva, devido à ordem do Governador do arquipélago. A nidificação na ilha é exclusivamente no chão.

Durante a época seca, muitos residentes de Fernando de Noronha caçam *Z. auriculata* com espingarda. Sua população, entretanto, é tão grande que, por enquanto, esta caça não representa uma ameaça à espécie no arquipélago, uma vez que se estende somente durante a fase não reprodutiva. Ao mesmo tempo, alguns habitantes expressavam o desejo de caçar esta "pomba de bando" a fim de vendê-la como tira-gosto no continente. Além de violar as leis brasileiras

que protegem a fauna, tal atividade modificaria completamente a situação da espécie em Fernando de Noronha. Calcula-se uma população de pelo menos 500.000 indivíduos de *Z. auriculata* no arquipélago, o que serve perfeitamente para o aproveitamento da comunidade humana local, mas acabaria logo com a introdução de caça com fins de exportação para o continente.

A presença de *Z. auriculata* em Fernando de Noronha é antiga, pois Olson (1981) encontrou restos fossilizados desta espécie. A introdução de *Rattus rattus*, *Felis cattus*, e, ultimamente, o teju, *Tupinambis teguixin*, provavelmente tenha modificado muito a situação da "arribacã" no arquipélago. Onde estes predadores existem a nidificação no chão torna-se inviável, e nem os ninhos em árvores são sempre salvos ao rato e gato. É incalculável o número de aves desta espécie que as ilhas abrigavam antes da introdução dos predadores.

Durante nossa visita de 1982, *Z. auriculata* se mantinha quase que completamente muda. Escutamos um baixo e longo "cooooi" menos de dez vezes. Quando forrageava, freqüentemente misturava-se com *Arenaria interpres* na costa barlaventa. Foi observada voando sozinha ou em grupos de até 50 indivíduos, sendo que bandos de dois a seis eram os mais comuns. O alimento preferido da espécie era a semente de arbustos do gênero *Croton* (Euphorbiaceae), também de suma importância na dieta desta ave no continente (Aguirre, 1976).

Família PSITTACIDAE

Aratinga solstitialis jandaya (Gmelin)

Um indivíduo do psitacídeo conhecido como "jandaia" pelos populares vivia solto num estado semi-selvagem nos arredores da vila dos Remédios em 1982. Soubemos atra-

vés dos ilhéus que tinha escapado do cativoiro alguns meses antes. Havia pelo menos mais três exemplares cativos desta espécie no arquipélago.

Melopsittacus undulatus (Shaw)

Um macho desta espécie escapou de cativoiro na vila militar perto do aeroporto em 6 de dezembro. Os residentes afirmaram que não era o primeiro "periquito australiano" a fugir de gaiola durante os últimos tempos, o que alimenta a possibilidade de que a espécie se estabeleça aqui no estado selvagem no futuro. Havia várias colônias deste periquito entre as casas dos residentes.

Família TYRANNIDAE

Elaenia spectabilis ridleyana Sharpe

6 peles MPEEG 34469-74 (5♂, 1♀) e 4 adultos em álcool

Este tiranídeo endêmico a nível de subespécie era comum nas partes da ilha Grande menos afetadas pelos animais domésticos. Os ilhéus a chamavam de "cocuruta", nome também aplicado aos membros deste gênero no Nordeste brasileiro. Enquanto dois machos coletados tinham testículos grandes, os demais espécimes não estavam em condição reprodutiva. Não observei nenhum ninho ou outra evidência de reprodução por parte da *Elaenia* em dezembro. Todos os espécimes tinham depósitos consideráveis de gordura no corpo. Esta espécie de *Elaenia* andava em pequenos grupos de dois a oito indivíduos, e era muito barulhenta, com vocalizações altas e freqüentes. Eram bastante variáveis e incluíam assobios melódicos, trinado em séries descendentes e silvos áperos. Lembrevam notas similares de *E. flavogaster* do continente, embora emitidas com maior freqüência.

A cocuruta preferia os habitats bem arborizados onde comia frutos e insetos apanhados na folhagem. Forrageava desde a faixa baixa da vegetação até o topo das árvores, usando principalmente os comportamentos "upward hover glean" e "perch glean" e, raramente, "aerial hawk" (senso Fitzpatrick, 1980:44). Embora muitas vezes mais rara do que o *Vireo* ou *Zenaida*, a população da *Elaenia* em Fernando de Noronha era numerosa, estimada em aproximadamente 1000 indivíduos espalhados principalmente no centro e oeste da ilha Grande. Olson (1981) observou a *Elaenia* na ilha Rata durante sua estadia em 1973, mas nós não visitamos aquela ilha. Podemos confirmar, porém, que a espécie não ocorria ilha do Meio.

Família HIRUNDINIDAE

***Hirundo rustica rustica* Linnaeus**

Um único indivíduo jovem desta espécie de andorinha pousava num fio elétrico em Quixaba na ilha Grande em 4 de dezembro de 1982. O pássaro era muito manso, possivelmente uma aproximação muito grande. Confirmamos que o centro do abdômen era branco puro e que as manchas brancas da cauda eram bastante reduzidas, o que nos leva a crer que se tratava da subespécie europeia deste pássaro migratório. Este é o primeiro registro para a espécie em Fernando de Noronha e para a raça europeia na América do Sul.

Família VIREONIDAE

***Vireo gracilirostris* Sharpe**

13 peles MPEG 34475-87 (3 ♂, 5 ♀, 5 jov.) e 4 adultos em álcool

Esta, a única ave endêmica a nível de espécie em Fernando de Noronha, era abundante em todos os habitats com

boa cobertura vegetal em 1982. Não observamos nenhum ninho ativo e a população incluía muitos jovens. A pluma-gem dos adultos era muito gasta. Tudo isto leva a crer que a reprodução deste vireonídeo é estacional, provavelmente ligada à época chuvosa. Principalmente os jovens, mas também alguns adultos, sofriam de infestação de pequenas larvas de dípteras nos músculos da parte distal do tibiotarso. Mesmo a infecção deixando a perna muito inflamada com exsudações, as larvas não pareciam incomodar os pássaros.

Os ilhéus chamavam esta espécie de "sebito", nome também dado a inúmeros passarinhos pardacentos sem características de destaque no Nordeste. Este pássaro mostrou flexibilidade impressionante na procura de sua comida, que constava exclusivamente de pequenos artrópodos. Contudo letava sua alimentação nas folhas, no tronco de árvores, em inflorescências e no chão e pendurava-se habitualmente de cabeça para baixo ao forragear (cf. Olson, 1981). Procurava comida desde o topo das árvores até o chão, onde corria pequenas distâncias atrás da presa, lembrando mais um trogloditeo do que um vireonídeo. A voz era bastante variável e incluía pios simples que lembravam a voz do pardal (*Passer domesticus*), um canto de quatro notas típico dos vireonídeos, e um alto e fino assobio. A espécie não tinha medo de seres humanos, e foi fácil atrair até 20 indivíduos de uma vez fazendo simples chios. Sua mansidão era até charmosa, mas apresentava certo perigo aos passáros que eram alvo preferido das baladeiras dos meninos residentes do arquipélago.

Família FRINGILLIDAE

***Paroaria dominicana* (Linnaeus)**

O "galo de campina" mantém uma tênua ocorrência em Fernando de Noronha, onde a espécie era rara em 1982.

Através dos ilhéus soubemos que a população de *Parotia dominicana* estabelecida no arquipélago por pássaros que fugiram de cativeiro, dizimou com a seca de 1980-81. Porém, a população local é reforçada periodicamente com a liberação de novos indivíduos provenientes do mercado de Recife. Permanece incerto se *P. dominicana* virá estabelecer-se concretamente no estado selvagem em Fernando de Noronha.

Sporophila leucoptera subsp.

Uma forma de *Sporophila leucoptera* habitava a extensa área de capinzal ao redor do açude de Xaréu em 1982. Este passarinho era raro e nunca vimos mais de três indivíduos ao mesmo tempo. O macho era cinza com uma pequena mancha branca na asa, o centro da barriga branco e o bico preto. A única vocalização ouvida era um fraco "pio!" dado ao voar. Comia sementes de capim e flores da erva *Lantana*. É curioso que nenhum residente em Fernando de Noronha sabia da presença desta espécie no arquipélago. Infelizmente, não obtivemos espécimes desta *Sporophila* que, ou foi introduzida, ou é forma natural do arquipélago que passou despercebida à ciência até agora. Aparentemente a distribuição da espécie limita-se aos arredores do açude, o único habitat dominado por gramíneas no arquipélago. A verificação da posição sistemática deste passarinho deve ser prioritária para futuras pesquisas em Fernando de Noronha.

Sicalis flaveola brasiliensis (Gmelin)

Soubemos através dos ilhéus que tentativas deliberadas da introdução do "canário da terra" em Fernando de Noronha fracassaram nos últimos anos. A primeira em 1952 não teve sucesso, pois todos os 60 indivíduos importados eram machos! Desde então outros indivíduos foram trazidos e liberados, mas a seca de 1980-81 dizimou a pequena população.

Observamos somente um indivíduo livre em 1982 e vários outros em cativeira. Os ilhéus não reconhecem a diferença de plumagem existente entre o macho e a fêmea, o que dificulta o verdadeiro estabelecimento desta espécie em estado selvagem no arquipélago.

OUTROS VERTEBRADOS

A fauna silvestre de vertebrados em Fernando de Noronha inclui quatro espécies de mamíferos, quatro de répteis e dois de anfíbios. Todas são introduzidas, com exceção de dois répteis que são endêmicos.

O roedor *Kerodon rupestris*, chamado de "mocoó" pelos ilhéus, foi introduzido na ilha Grande em 1967, e era encontrado ocasionalmente nas encostas rochosas dos morros. O camundongo *Mus musculus* era muito abundante, bem como o gato doméstico *Felis catus*. Não vimos nenhum rato (*Rattus rattus*), mas os ilhéus informaram da presença dele na vila. Além destes mamíferos adaptados ao estado selvagem em Fernando de Noronha, o arquipélago também abrigava cabras, carneiros, bovinos, cachorros e cavalos que permaneciam domésticos.

O lagarto endêmico *Mabuya maculata* era abundante em habitats com boa cobertura arbustiva e arbórea, mas substituído quase que completamente pelo teju, *Tupinambis teguixin*, nas áreas sob influência das cabras e carneiros. Através dos ilhéus, soubemos que um único casal de *T. teguixin* foi introduzido em 1960. Em 1982 a espécie dominava certas partes da ilha Grande, apesar de ser caçada como fonte alimentar pelos residentes. Os filhotes eram muito comuns no chão nos pastos das cabras e carneiros, correndo rapidamente ao aproximar-se um ser humano. Em contraste, a *Mabuya maculata* preferia árvores e superfície verticais e mostrava hábitos muito meigos, deixando o ser humano aproximar muito, até subindo em pessoas sentadas. O ge-

conídeo *Hemidactylus mabouia* era ocasionalmente visto em habitações durante a noite. Sua presença no arquipélago data pelo menos do século XIX, pois Boulenger (1890) relatou os espécimes que Ridley coletou em 1887. Olson (1981) indicou que a endêmica *Amphisbaena ridleyana*, o "lagarto de duas cabeças", era comum durante sua visita de 1973. Porém, procuramos a espécie em vários lugares e só a encontramos uma única vez, escondida em baixo de pedras no jardim do Governador. É possível que *A. ridleyana* esteja em declínio no arquipélago.

As duas espécies de anfíbios introduzidos, *Bufo paracnemis* e *Hyla ruber*, são noturnas. O número de indivíduos do *Bufo* era impressionante à noite quando saíam do esgoto e outros esconderijos perto de habitações. Alguns atingiam tamanhos impressionantes de mais de 20 cm. A perereca (*H. ruber*) era antropófila, também, preferia banheiros e outros ambientes úmidos em domicílios. Estas duas espécies de anfíbios não constam nos relatórios antigos da zoologia do arquipélago e provavelmente foram introduzidos durante o presente século.

INTRODUÇÕES DE ANIMAIS ALIENÍGENAS NO ARQUIPÉLAGO

Em geral, a fauna de Fernando de Noronha vem aumentando ultimamente graças as introduções de animais alienígenas ao arquipélago. Além das espécies acima tratadas, subemos da existência de tentativas de introdução de mais duas espécies de aves e de uma cobra. As aves são o urubu preto (*Coragyps atratus*) e o papagaio moleiro (*Amazona farinosa*), trazidas nos anos 60. A identidade exata da cobra é ignorada. Nenhuma destas espécies se estabeleceu com êxito. Tais introduções continuam até hoje, facilitadas pelo livre acesso dos residentes ao continente através de transporte aéreo. Os residentes regularmente voam para Recife a fim de fazer compras, voltando ao arquipélago no mesmo

dia e freqüentemente trazem animais. No caso das aves, guardam os animais por algum tempo. Se a ave cantar bem, permanece em cativeiro; se não, é liberada. Considerando a pobreza biológica dos ambientes terrestres das ilhas, algumas destas introduções são recomendáveis, como a do mocoó (*Kerodon rupestris*). Ao mesmo tempo, até hoje o saldo destas introduções é negativo, por modificar profundamente os sistemas naturais. A ilha Grande, por exemplo, já não pode ser utilizada pela grande maioria das aves marinhas para sua nidificação devido à presença de gatos e ratos. Lembremos do descobrimento de fosséis de uma nova espécie de ralídeo no arquipélago, realizado por Olson (1981); é provável que esta ave entrasse em extinção devido à introdução de predadores pelos europeus.

O governo atual do território está preocupado com o desenvolvimento econômico do arquipélago. A política de introduções é importante neste contexto. Tentativas de ampliação da agricultura poderão ser frustradas caso o periquito australiano (*Melopsittacus undulatus*) e a jancaia (*Aratinga solstitialis*) se estabelecerem em estado selvagem, pois estas espécies atacam plantações. A inoportuna introdução do lagarto teju impossibilita o estabelecimento de qualquer espécie de ave que nidifica no chão, como o caso dos inhambus e outros tinamídeos, que seriam benéficos no arquipélago. É recomendável o maior controle de importação de animais silvestres por parte das autoridades responsáveis pelo território. Apesar das modificações sofridas até agora, o arquipélago de Fernando de Noronha é ainda um recurso natural singular com populações importantes de aves marinhas e terrestres. É necessário uma política explícita que proteja estes recursos para que as introduções não planejadadas sejam evitadas. Os critérios para a seleção de espécies a serem introduzidas deliberadamente na área devem ser estabelecidos por biólogos especializados no assunto, usando a maior cautela possível, para que a balança natural dos sistemas existentes no arquipélago seja garantida.

AGRADECIMENTOS

Somos gratos a: F. C. Novaes (Museu Goeldi) pelo auxílio crítico do manuscrito; ao Cel. Wellington de Carvalho, Governador do Território Federal de Noronha de Noronha e à Força Aérea Brasileira, especialmente Maj. R. Hoog, chefe do gabinete do Governador, pelo apoio generosamente cedido no arquipélago; ao Capitão K. Bauer-Schmidt, G. T. Prance (N Y Botanical Garden) e a gerência da Society Expeditions (Seattle, EUA), que possibilitaram o desembarque em Fernando de Noronha; a S. A. Marques (Museu Goeldi) e S.M.L. Resende (IBDF) pela assistência com o português; e a M. F. Simões (Museu Goeldi) pelo auxílio editorial.

SUMMARY

This paper reports the results of a zoological study of the archipelago of Fernando de Noronha conducted in December 1982 with emphasis on the avifauna. The following bird species are recorded for the archipelago for the first time: *Egretta thula*, *Hydranassa tricolor*, *Pluvialis squatarola*, *Charadrius semipalmatus*, *Catoptrophorus semipalmatus*, *Calidris minutilla*, *Limnodromus griseus*, *Hirundo rustica*, *Sporophila leucoptera* and *Sicalis flaveola*. Individuals of *Aratinga solstitialis* and *Melospitacus undulatus* have recently escaped from captivity on the main island and may establish breeding populations in the future. Past attempts to establish *Coragyps atratus* and *Amazona farina* in the wild failed. Population estimates of the avifauna are reported, as well as the status of the archipelago's four species of mammals, four reptiles and two amphibians. The 42 specimens avian collection is today deposited in the Goeldi Museum in Belém. Past introductions of exotic animals have profoundly modified many of the habitats of Fernando de Noronha; intro-

ductions continue up until today. A general policy which controls the importation of animals to the archipelago is recommended to guarantee the integrity of the island group's unique natural resources.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIRRE, A. C.
1976 — *Distribuição, costumes e extermínio da "avoante" do Nordeste, Zenaida auriculata noronha Chubb*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Ciências.
- ANON.
1979 — *Criadas três novas unidades de conservação: Parque Nacional do Pico da Neblina, Parque Nacional da Serra da Capivara, e a Reserva Biológica do Atol das Rocas. Brasil Florestal*, Brasília, 9(38) : 6-17.
- BOULENGER, G. A.
1890 — Notes on the zoology of Fernando de Noronha. Rept. Ia. *J. Linn. Soc., Zool.*, London, 20 : 481-482.
- FERNANDO DE NORONHA. Governo do Território & SÃO PAULO. Governo do Estado.
1981 — *Planejamento agrícola, energético, florestal e hídrico do Território Federal de Fernando de Noronha*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado.
- FITZPATRICK, J. W.
1980 — Foraging behavior of neotropical tyrant flycatchers. *Auk*, Lawrence, Kansas, 82(1) : 43-57.
- HANCOCK, R. & ELLIOTT, H.
1978 — *The herons of the world*. New York, Harper & Row.
- MAYR, E. & COTTRELL, G. W.
1979 — *Check-list of birds of the world*. Cambridge, Museum of Comparative Zoology. V. 1.
- MURPHY, R. C.
1936 — *Oceanic birds of South America*. New York, American Museum of Natural History.

OISON, S. I.

1981 — Natural history of vertebrates on the Brazilian islands of the mid south Atlantic. *Nat. Geographic Research Reports*, Washington, 13 : 481-492.

OREN, D. C.

1982 — A avifauna do arquipélago de Fernando de Noronha. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi, n. sér., Zoologia*, Belém, 118 : 1-22.

(Aceito para publicação em 12/07/83)